uma ambulância ululante de desespero fez rebentar um aneurisma na cabeça da doente, ou pelo menos assim o decidiu o bom doutor, poupando a família ao opróbrio de ler na certidão de óbito, no espaço reservado à causa da morte: inanição, como se vivessem na Somália ou no Burundi.

Ele saiu do quarto com os braços levantados como um pregador, embora também pudesse ter saído de ombros caídos dado o seu fracasso exemplar, pois além de a ter despido nada fizera para salvá-la, e anunciou com voz veemente:

— A nossa Kitty foi-se. Quem espera por milagres, morre descalço.

Depois tudo começou a correr como é usual nestes casos, e à noite os corpos fatigados dormiram regaladamente e no dia seguinte mãe e filhas já se permitiam talhar as lágrimas com umas perolazinhas de ironia.

Quem diria que o médico, além de cinéfilo e apesar de reformado, ainda estudava anatomia no corpo da Kitty? E a bailarina, o que é que lhe passara pela cabeça ao apaixonar-se por um rapazola que podia ser filho dela? Pior, que era da idade dos sobrinhos?

— Da idade do meu Zé! — espantava-se a mais velha.

Nem o tinham deixado ver a morta para não se impressionar. Sentado na casa de jantar, fizera-lhes companhia em silêncio, bebendo umas cervejas. E fora-se embora em silêncio, despedindo-se com um olhar enigmático e límpido, a caminho de um bar qualquer.

a irmã Santo Suspiro

Manuela, aos quinze anos, era uma rapariga dividida em duas, que levava a sua dupla existência com a dissimulação de um adulto e a leviandade de uma criança persuadida de que se fechar os olhos ninguém a vê, se é que este lugar-comum sobre a infância tem alguma correspondência com a realidade.

Durante todo o dia estudava, comia e passeava nas instalações do colégio de freiras onde fazia a sua educação segundo as normas estabelecidas por uma tradição de séculos que vinha fornecendo a nata das jovens destinadas a acasalar com os futuros ministros e directores gerais, as quais se distinguiam por uma característica que não se encontra em mais lado nenhum e por isso as torna tão especiais e apetecíveis.

À noite Manuela ia dormir a casa para contrabalançar a solidão da mãe que ficara viúva muito nova e depositava todo o seu orgulho e esperança de sucesso na filha.

Infelizmente a adolescência não confirmara as promessas ridentes da infância e a mãe via com desgosto a filha distanciar-se cada vez mais do orgulhoso pelotão da frente, em que beleza e um quase esbanjar de talentos tornavam aquelas meninas estranhamente parecidas e fungíveis entre si. Nem sequer podia desabafar com ela sobre a razão do seu desgosto e esgotava-se em vão em sacrifícios propiciatórios.

Na verdade os caracóis dourados de Manuela, como por inveja de uma fada má disfarçada de cabeleireira medíocre, tinham-se transformado num cabelo liso e sem viço que lhe dava perpetuamente o ar de uma afogada enrolada numa liana.

Havia também a questão dos óculos, robustos como um escafandro, no fundo dos quais se destacavam dois pequenos pontos brilhantes, luzentes e móveis como dois pirilampos.

Já as pernas e os braços, grossos e bem torneados, recolhiam o sufrágio dos conhecedores e até arrancavam assobios aos homens da rua.

Consciente de que nunca seria a praça-forte cobiçada pelos homens cuja imaginação se esgota em catalogar as mulheres com meia dúzia de atractivos, também não lhe apetecia desenvolver esforços para se tornar cientista, professora, advogada ou o equivalente de um cavalheiro de indústria, pelo que decidiu que os seus longos e aborrecidos dias seriam compensados por noites frenéticas e exultantes ou pelo menos tão interessantes como um romance psicológico em que tudo se desenrola com tanta minúcia que saboreamos o nada em quarenta capítulos sem contar o posfácio e o prólogo.

A hora do deitar era portanto sagrada para ela e nenhuma proposta sedutora a desviava da sua obstinação.

Enquanto o sono não vinha e às vezes durante o sono, que não era o sono dela mas o da pessoa em que se transformara ao vestir os seus trajes de noite, Manuela tinha outra família, outro corpo, outros pensamentos, e se em certos aspectos descia a requintes de introspecção e não se importava de gastar noites como se tivesse uma vida de centenária à sua frente, toda entregue ao prazer de compor uma personagem, outras vezes fazia de homem, de mulher, de malandrim, de cigana, de violoncelista, de jogadora de ténis, de cantor de cabaret, de empregada de restaurante, tudo na mesma noite, com o resultado de acordar com umas enormes olheiras e um ódio ao colégio que a faziam desejar um tremor de terra que só a poupasse a ela e à sua cama, único pedaço do mundo seguro e onde arranjava sempre maneira de ser feliz.

Já se percebeu que Manuela era o tipo de rapariga solitária que as colegas segregam como se pressentissem nela uma ameaça de potencial chantagista se lhe fosse dado conhecer os seus segredos e que as professoras perseguem com rigor implacável, inventando novas categorias de delitos para lhe poderem chamar excessiva, desconcertante, obcecada e manobradora, e assim justificarem as notas baixíssimas no seu boletim escolar.

Enquanto se tolerava que beldades displicentes e desenvoltas trouxessem feitos de casa os enxovais para as criancinhas pobres que seriam abençoados pelo senhor bispo de Mitilene, Manuela teve de embainhar centenas de fraldas e cueiros tão reais que só faltava cheirarem a mijo, bordar jogos de naperons à americana para serem sorteados em rifas de caridade, e entrar sozinha em tugúrios onde podia ter apanhado a peste negra.

A professora de ginástica, com ar de mulher que olha com olhos de homem os corpos femininos, obrigava-a a repetir cem vezes o salto do cavalo e empurrava-a com a mão espalmada sobre o rabo de cada vez que ficava escarranchada no meio da sela.

Manuela defendia-se com uma passividade que raiava o masoquismo das vítimas que se abandonam ao destino sem hesitações nem preconceitos.

De repente ela foi obrigada a saltar para o meio da arena em vez de andar por aqui e por ali esgueirando-se à sombra dos que pareciam ocupar por direito próprio o palco do mundo.

A professora de ginástica, não sabendo que mais inventar para a atormentar e tendo fracassado nas suas voluptuosas tiranias, escolheu-a para fazer parte do grupo que ia representar a escola na grande exibição patriótica no Estádio Nacional no dez de Junho.

Para este espectáculo circense à romana, de grande impacto visual, as raparigas apresentavam-se de saia verde, blusa branca e lenço vermelho, não em jeito de lavallière ou com duas pontas reviradas sobre

o ombro, como o bom gosto exigia, mas amarrado à cabeça estilo lavadeira de Caneças, fazendo do rosto das meninas umas bolas de carne sem cabelo e cortando ao meio a linha da testa.

Manuela nunca chegou a perceber a coreografia do espectáculo apesar dos treinos, mas estava cada vez mais perita em atirar o arco e recebê-lo de joelhos ou com flexão à retaguarda.

A música tonitruante difundida pelo gramofone esvaziava-a das suas capacidades críticas e reduzia-a à condição de robô magnetizado num campo de concentração onde não havia lugar para gestos rebeldes. Na véspera da festa, o dia seguinte apresentou-se-lhe sob perspectivas tão grotescas que analisou várias hipóteses de fuga, todas falíveis excepto o suicídio, que, como aluna de um colégio católico, prontamente se apressou a descartar.

À falta de melhor, acabou por se socorrer de um expediente simples, que, como era de prever, defraudou as suas esperanças e, pior ainda, aumentou as suas aflições. Deixou cair os óculos, pisou-os e foi mostrar à mãe, consternada, as lentes que pareciam conter duas aranhas fossilizadas, convencida de que o amor maternal saberia sobrepor-se a jogos de conveniências. A reacção da mãe é que não foi a que ela esperava. Já que não tens óculos — disse-lhe — terás de te remediar com os teus olhos. Também para o que tens a fazer não precisas de ver mosquitos na outra banda.

Portanto não teve outro remédio senão seguir atrás da mãe até ao autocarro, já todo enfeitado com

cabecinhas vermelhas emolduradas nas janelas e, como não via nada, subiu os dois degraus do estribo com vagares de rainha a subir ao trono e, para encontrar um lugar vago, adoptou naturalmente uma pose defensiva, arredondando os braços e o busto como se defendesse com um escudo a sua integridade.

Algumas raparigas levantaram-se dos seus lugares para vir admirar os olhos cinzentos que nunca tinham atraído a atenção de ninguém e em breve outras lhes seguiram o exemplo, passando palavra sobre a transformação que ela sofrera e concedendo-lhe uma atenção festiva onde se escondia a inveja, como à volta da cama de uma parturiente.

Ao entrarem no estádio batido pelo sol eram ainda como uma legião de tropas de elite ofuscada pelas promessas de glória, mas logo no primeiro intervalo o relvado ficou juncado de corpos desidratados que os rapazes da Mocidade regavam com bilhas de água enquanto os casos mais graves eram recolhidos por ambulâncias disfarçadas de barracas de farturas que partiam sem tocar a sirene.

Todo o universo ardia como uma fornalha gigantesca. Manuela tinha a seu favor muitas reservas de água e sais minerais no organismo e uma visão completamente desfocada, que lhe permitia não se aperceber da multidão senão sob a forma de um clamor longínquo e abstrair-se completamente do ritmo e correcção das sequências que fazia e assim até arranjava de vez em quando um bocadinho de tempo para descansar, apoiada no arco, enquanto à sua

volta se formavam e desformavam círculos, elipses e quadrados.

Quando a performance chegou ao fim percebeu-se que devia ter sido um espectáculo magnífico pela forma como a multidão em pé aclamou o chefe supremo da Nação até o altifalante difundir a mensagem de que deviam calar-se e dispersar antes que entrassem em acção os carros de água, que com as suas poderosas ampulhetas lança-águas se preparavam para varrer das bancadas os restos de papéis e detritos ligeiros, restituindo-as à sua pureza de cimento original.

Manuela viu-se no meio de uma coluna de jovens dispostas duas a duas, enquadradas pelos mais robustos espécimes da mocidade portuguesa masculina que, com palavras de ânimo e mãos viris, as sustinham de pé quando elas pareciam ir liquefazer-se por efeito da insolação que induzia uma sensação de desmaio. Se os seus olhos pudessem enxergar além da barreira do meio metro teria dado conta de que, à medida que a coluna se entranhava na mancha verde de pinhal a que chamavam o pulmão de Lisboa, já havia muita trança semidesfeita e meninas levadas em braços como frágeis peças de caça atordoadas pelas descargas dos seus perseguidores, que de cabeça perdida se vêm precipitar nas armadilhas de que passaram a vida a fugir inutilmente. Manuela, sentindo que o seu par arquejava, pelo contrário fazia ponto de honra em tornar-se mais leve do que era e a sua maior preocupação era que dela não emanasse nenhum odor a transpiração, o que lhe dava uma rigidez

quase militar e diminuía ainda as suas faculdades de discernimento. A falta dos óculos, porém, foi o factor que mais restringiu as suas poucas hipóteses de defesa pois, ao contrário do que se proclama por aí como grande verdade, a ausência do sentido da visão condiciona gravemente todos os outros e quando se tiram os óculos a um grande míope a embaralhação e os erros de perspectiva são totais, a ponto de muitas vezes lhe parecer que caiu fora da órbita terrestre ou pelo menos que anda de cabeça para baixo.

Durou esta situação não mais de dez minutos, pois logo foram accionados os mecanismos de alarme quando, ao ocuparem as meninas os lugares na camioneta, se verificou que um dos lugares ficara por preencher, precisamente o de Manuela, que, vazio como estava, parecia na sua nudez acusar a não presença de Manuela e sub-repticiamente desafiar a direcção da escola a assumir que falhara na sua missão de produzir um escol imune a passos em falso, já que uma simples nota discordante bastava para destruir a harmonia do edifício tão laboriosamente arquitectado.

O incidente provocou choros e gritos febris e só não teve consequências mais gravosas porque a equipa de salvamento, composta pelo motorista, as professoras e duas estudantes com provas dadas em primeiros-socorros, mal se tinha embrenhado na mata já estava a aparecer amparando nos braços Manuela, à volta da qual teciam um anel protector, como se fosse uma relíquia muito frágil.

Estenderam-na com precaução no banco corrido na retaguarda da camioneta e aí a posição da cabeça descaída para trás revelou no seu pescoço um sulco como um sombreado a grafite ou uma linha preta mal urdida a formar um alinhavo que até as menos versadas em romances policiais suspeitaram como tendo origem em mão criminosa. O lenço de cabeça vermelho levara sumiço. Felizmente que não faltavam flabelos que, postos a adejar violentamente como uma feitiçaria concertada para afastar os maus espíritos, lhe foram insuflando o ar através da traqueia comprimida, enquanto o seu rosto, de uma brancura de penas de cisne, se ia colorindo à medida que se restabelecia a circulação sanguínea. Um suspiro, prolongado e profundo, mais parecido com um ai de beatitude do que com o alívio perfunctório de um padecimento físico, assinalou o seu regresso à vida, agora sob a forma de uma outra que nunca mais se deixaria confundir com a Manuela dividida em duas, escorraçada e assediada e habituada a contar só consigo própria.

Apesar de tanto a família como o colégio jurarem um pacto de silêncio, uma fuga de informação fez com que Manuela deixasse o anonimato para se transformar numa estrela mediática durante alguns dias. Os jornais da oposição descreviam-na como uma jovem de austera beleza, envolvida numa história de ciúmes doentios que dera na tentativa de estrangulamento e ligaram o caso a um desacato que era mais uma prova do estrebuchar do regime — quando um grupo se atravessou diante do autocarro escolar aos

gritos de fascistas, fascistas, obrigando as meninas a recolher para dentro das janelas, assustadas com o seu aspecto hediondo. E de ilação em ilação trouxeram à luz o estranho acidente da aluna que ficara sem a pele das mãos ao embater (ou teria sido atirada?) contra um gradeamento de ferro incandescente.

O jornal de São Domingos Sávio apostava na vertente da virgem descuidada e comparava-a a Santa Maria Goretti, cujo lancinante grito, «Mãe, Mãe, Alexandre matou-me!», formou gerações de catequistas de lágrima ao canto do olho.

Mas, do ponto de vista de Manuela, a sua odisseia só começou verdadeiramente quando foi chamada ao gabinete da directora e sentiu sobre ela os seus olhos esquadrinhadores. A directora teria preferido que a vítima fosse uma rapariga de porte agressivo e sinais inequívocos de coqueteria e toda ela se revoltava à ideia de elevar aquela moça, macha-fêmea e de uma solidez campestre, ao destino de heroína trágica.

Assim, as primeiras palavras que lhe endereçou traziam o ferrete de uma má-vontade que seria inexplicável se não fosse a sua convicção altamente moral de que uma rapariga feia não pode meter-se em sarilhos.

— Ah, és tu a menina que ficou sem o lenço e foi atacada por um tarado que terá usado o lenço para tentar estrangular uma moça que não conhecia? Isto não é um caso de polícia, é um quebra-cabeças que até parece que andaste a inventar, minha filha — ironizou ela. — Mas, se é verdade, conta-me a tua versão

dos factos sem omitir nada, desde o momento em que entraste na camioneta. Fala. Sou toda ouvidos.

Manuela percebeu logo que o seu crédito estava em baixo e nada do que dissesse seria contabilizado a seu favor. Por isso, entre escolher uma atitude de desalento e contrição ou fazer o papel de pecadora torturada pelo desespero, ficou-se pela justa medida que era apenas mostrar-se correcta e responder com frases completas, como uma testemunha isenta e imparcial obrigada a colaborar com a justiça.

— Não dei por nada. O lenço deve ter escorregado por causa do calor e ficado assim como uma espécie de coleira à volta do meu pescoço.

— O calor, sempre o calor! Muito gostam vocês de tudo justificar e desculpar com o calor! Quer dizer portanto que, ao entrares na mata, ias de cabelos soltos e blusa desapertada colada ao peito, encharcada da água que te escorria da boca e o teu companheiro te dava a beber?

— Disso não me lembro. Havia um hiato entre mim e o que se estava a passar, talvez porque me faltava o factor de mediação que são os meus óculos, graças aos quais hoje já consigo falar de tudo isso como se tivesse ocorrido num tempo longínquo com outra que não eu.

— Descreve-me o rapaz, se fores capaz.

— Perfeitamente. Era maior do que eu e derramava uma sombra larga que aumentava a escuridão do bosque. Caminhava com tal precipitação que para o acompanhar senti no flanco uma dor aguda.

— Já pensaste que um pássaro, seduzido pela bela cor vermelha do lenço, pode tê-lo arrancado do teu pescoço com uma bicada, com as consequências que todos conhecemos?

— É bem possível. Nunca tinha pensado nisso.

— Bom. Vai e que te sirva de emenda. Se te fizerem perguntas diz que tiveste uma amnésia e nada sabes.

Levantou a mão e despediu-a com um gesto autoritário. Mas ficara mal-disposta. Inventara a história do pássaro porque não gostava de admitir que fora uma das ovelhas mais desengraçadas e pacíficas do seu rebanho que despertara simultaneamente os instintos de eros e tanatos de um conquistador. A menos que fosse um desequilibrado mental que só conseguisse excitar-se com raparigas que de algum modo apetece estrangular. A directora gostava de ler histórias sobre as negras paixões que se escondem nos compartimentos secretos da alma humana e até tinha algumas teorias sobre o perfil dos potenciais assassinos. Quando à noite tomava o autocarro desconfiava dos calados, dos ansiosos, dos que tratam com falsa deferência uma senhora. Evidentemente que não ia deixar que aquele romance frutificasse. Seria impensável premiar a fealdade e ela gabava-se de ser muito moral. Por isso mandara expulsar sem o ouvir um desconhecido que queria restituir o lenço à legítima dona, qual príncipe que trouxesse a chinelinha da Cinderela para lhe tirar a medida ao pé.

Mesmo assim, à cautela, emitiu um comunicado difundido através dos microfones colocados sobre as

portas das salas de aula, que lhe permitiam exercer o seu múnus sem sair do gabinete, em como nenhuma aluna se podia aproximar de um homem ou deixar-se abordar por ele, no perímetro de todo o quarteirão à volta do colégio.

O seu braço direito, o capelão, tomou a si a tarefa de convencer Manuela de que escapara às garras do Anticristo, cuja ordem, oposta à ordem divina, se caracteriza entre outras coisas pela dissolução da pessoa, domínio em que ela, privada do apoio de Deus, se deixara resvalar perigosamente.

Sob a sua orientação Manuela convenceu-se de que tinha vivido uma experiência mística, fez a unidade dos seus eus desavindos e entrou em religião como irmã Santo Suspiro.

Consta, no entanto, que todos os anos no dia dez de Junho, quando o silêncio abraça como um sudário as ramadas das árvores do jardim e tudo o que é vivo conhece um breve colapso para se preparar para a eternidade, se ouvem no convento uns sussurros a que uns chamam suspiros e outros uma queixa desesperada e nostálgica e um pequeno cordão negro se forma no pescoço branco da freira, para glória da comunidade que desfila e ajoelha para beijar o estigma, antes que se desvaneça ao amanhecer.